METROPOLIZAÇÃO REGIONAL E A CONSOLIDAÇÃO DA CENTRALIDADE E DA COESÃO DA MEGARREGIÃO RIO DE JANEIRO-SÃO PAULO

Sandra Lencioni
Universidade de São Paulo (USP) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) | slencion@usp.br

Eudes Leopoldo
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional e Urbano na Amazônia (PPGPAM) | eudesleopoldo@gmail.com

Resumo geral: Esta Sessão Livre apresenta resultados do projeto de pesquisa "Megarregião Rio de Janeiro-São Paulo", desenvolvido entre 2016 e 2024 no âmbito do Programa de Pesquisa "As metrópoles e o direito à cidade: plataforma de conhecimento, inovação e ação para o desenvolvimento urbano" do INCT Observatório das Metrópoles, bem como apresenta novas discussões que orientarão a continuidade desta pesquisa a partir de 2025. Neste trabalho coletivo de investigação de longo prazo, pesquisa-se a constituição de um grande espaço urbano-metropolitano, a megarregião Rio de Janeiro-São Paulo. Ela concentra e centraliza a reprodução ampliada do capital, as condições gerais de produção e as relações de poder no território brasileiro, especialmente no tocante a sedes corporativas dos grandes grupos econômicos, circulação material, redes de inovação, turismo de negócios e financeirização da produção espacial.

Este movimento é marcado pelos processos hegemônicos de metropolização regional e financeirização da economia e da vida cotidiana, que demonstram que a produção do espaço contemporâneo não prescinde da hierarquização dos espaços, mas fortalece e reconfigura as megarregiões no nível dos espaços nacionais e mundial, reestruturando suas centralidades como momentos de intermediação entre o singular e o universal. A partir das megarregiões, também se difundem processos de homogeneização dos objetos e valores urbanos e metropolitanos, bem como de fragmentação, constituindo mosaicos de espaços da vida privada, do lazer e do trabalho, conforme as diferentes condições das classes sociais.

Isso se deve ao fato de que o momento atual do capitalismo se caracteriza pela reestruturação da urbanização metropolitana, marca de um passado recente caracterizado pela lógica fordista de produção fabril e pelo desenvolvimento das metrópoles. Passa-se agora a operar no desenvolvimento de uma metropolização que se espraia regionalmente,

não mais de forma compacta e monocêntrica, mas dispersa e policêntrica. Regiões dispersas e polinucleadas são produzidas e cada uma delas apresenta coesão interna, que define seus limites.

Desenvolve-se, portanto, uma metropolização regional policêntrica que constitui regiões, as quais, por sua vez, não são de fácil apreensão, uma vez que uma de suas características principais é a dispersão. Porém, seus limites podem ser percebidos pela coesão que o conjunto apresenta. A propósito, as regiões produzidas pela metropolização regional diferem, na sua essência, das regiões metropolitanas características do período fordista, já que contêm muitas escalas que se entrelaçam e se constituem como macroestruturas integradas e relacionadas ao capitalismo financeirizado. A megarregião Rio de Janeiro-São Paulo se constitui como espaço no qual a financeirização, a concentração da gestão do capital em seus diversos aspectos, a presença de processos mais avançados, como os de inovação, e a integração na dispersão, assentada na concentração das condições gerais do processo social de produção do capital, se constituem em processos presentes e fundamentais.

Compreender aspectos dessa unidade regional, colocando em relevo alguns elementos fundamentais que possam elucidar sua coesão interna e sua centralidade em relação às demais regiões do país, se constitui no objetivo desta Sessão Livre. Para isso, tomamos como referência analítica: a circulação material e imaterial como importante elemento de coesão da megarregião, uma vez que ela cria nexos entre o que está disperso, constituindo-se em elemento chave para se compreender sua integração interna; as redes de inovação, como um dos elementos que promovem a integração regional, ao mesmo tempo em que evidenciam a complexificação, densificação e descontinuidades do território da megarregião, destacando-a em termos econômicos do restante do país; o turismo de negócios como uma das expressões relevantes da gestão do capital; e a financeirização da produção do espaço, com a concentração de produtos imobiliário-financeiros, como evidência da centralidade e coesão em experiências que envolvem tais processos.

A estruturação das palestras resumidas a seguir envolve uma perspectiva de unidade. Primeiro, evidenciam-se as condições gerais de produção da megarregião; em seguida, aprofunda-se a constituição das redes de circulação material e de inovação; e, por último, pensa-se a consolidação da centralidade e da coesão pelo turismo de negócios e pela financeirização da produção do espaço. Inicialmente, o que se procura é analisar a megarregião Rio de Janeiro-São Paulo da perspectiva da concentração territorial das condições gerais do processo social de produção e reprodução do capital, com ênfase na circulação, que envolve duas dimensões analíticas, a do espaço e a do tempo, ambas relacionadas aos processos de valorização e capitalização do capital. Na sequência, caracterizam-se as redes de circulação material que se constituem em elementos centrais da coesão regional. Segue-se então pensando a constituição de redes de inovação que integram a circulação material e imaterial dos processos de inovação e que colocam essa região em

destaque no país em termos econômicos, projetando sua economia e a economia nacional para o mundo.

Evidencia-se ainda a consolidação da centralidade e da coesão da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo também a partir do turismo de negócios e da financeirização da produção do espaço. Para o primeiro, destaca-se sua importância como uma das expressões da concentração da gestão do capital na megarregião, em comparação com as demais grandes regiões do país. No caso do segundo, a financeirização da produção do espaço com a concentração de produtos imobiliário-financeiros (loteamentos fechados e *shopping centers*), que opera na dinamização dos espaços, na ampliação dos fluxos e na constituição de novos mercados de trabalho e de consumo, constitui-se como evidência da centralidade e coesão da megarregião. Assim, o sentido da Sessão Livre é ampliar o debate e apresentar uma agenda de pesquisas em desenvolvimento urbano e regional, na perspectiva de pensar a metropolização regional brasileira a partir do principal espaço de concentração e centralização do capital, revelador das profundas desigualdades socioespaciais no território nacional: a megarregião Rio de Janeiro-São Paulo.

CONDIÇÕES GERAIS DO PROCESSO SOCIAL DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA MEGARREGIÃO RIO DE JANEIRO-SÃO PAULO

Sandra Lencioni
Universidade de São Paulo (USP) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) | slencion@usp.br

A urbanização metropolitana, denominação que tem origem em Soja (2013), diz respeito à urbanização indutora da constituição de metrópoles que se desenvolveram num contexto em que o maior crescimento da população ocorria nas grandes cidades. No caso brasileiro, esse crescimento tem origem na grande transformação ocorrida entre 1950 e 1970, em que houve um grande fluxo migratório rural-urbano acompanhado de altas taxas de fecundidade. Nas décadas seguintes, esse movimento e essas taxas passaram a declinar. Além do mais, se no período de 1950 a 1970, o afluxo de pessoas tendia a se dirigir para a cidade principal de uma região — especialmente a metrópole em constituição — posteriormente, a partir dos anos 1980, com a consolidação da metrópole, a propensão passou a ser de crescerem mais os municípios da região metropolitana do que propriamente os do núcleo metropolitano, da metrópole.

Essa mudança na urbanização revela transformações no processo socioespacial, em que a urbanização metropolitana cede lugar a uma urbanização regional. Essa urbanização regional esgarça o tecido da região metropolitana, portanto, diminuindo relativamente a densidade urbana e, de imediato, nos coloca a questão dos limites dessa região urbana. Esses limites — é fundamental esclarecer — não são dados pela contiguidade territorial, mas pela integração interna que o conjunto apresenta, importando menos essa contiguidade e mais a coesão interna que confere à região uma unidade. Essa mudança se constitui num dos fundamentos

da constituição das megarregiões, das alterações na rede urbana e da dinâmica interna das cidades.

Tais transformações guardam relação estreita com a expansão e as transformações das condições gerais do processo social de produção do capital. Por isso, é esse prisma analítico que orienta a análise da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, enfatizando o processo de circulação, um dos elementos centrais que amalgamam essa região e que envolve duas dimensões analíticas: a do espaço e a do tempo, ambas relacionadas aos processos de valorização e capitalização do capital.

Essa perspectiva permitirá revelar aspectos fundamentais da integração desse conjunto que contém as duas mais importantes regiões metropolitanas do país, bem como subsidiar a compreensão da reafirmação e ampliação da integração dessa megarregião com outros espaços multiescalares.

A CIRCULAÇÃO MATERIAL COMO ELEMENTO CENTRAL DE INTEGRAÇÃO DA MEGARREGIÃO RIO DE JANEIRO-SÃO PAULO

Matheus Cavalcanti Bartholomeu
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | matheus.bartholomeu@uerj.br

No processo produtivo capitalista tomado de maneira ampla, o momento da circulação, sempre relevante — na verdade, indispensável —, tem ganhado cada vez mais visibilidade, o que se manifesta de modo expressivo, dentro do contexto brasileiro, na megarregião Rio de Janeiro-São Paulo. A financeirização revela as constantemente renovadas maneiras de fazer girar o dinheiro como renda, juro e lucro e a progressiva (e agressiva) assetização demonstra o objetivo de capitalizar e envolver tudo que for possível no processo de circulação. Em paralelo, mas não desvinculada, a promoção da circulação material de coisas e pessoas demanda a produção de redes de transporte e outras infraestruturas logísticas que se avolumam na paisagem da megarregião. Trata-se, em parte significativa, da necessidade de fazer circular o valor na forma mercadoria e na forma de força de trabalho.

O objetivo desta palestra é compreender e discutir a circulação material como elemento central de coesão da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo. Para isso, há que se considerar o que, num primeiro momento, é percebido como a relativa desconcentração de plantas industriais, *hubs* logísticos, galpões de armazenagem e triagem de produtos, pontos de distribuição de mercadorias para os destinos localizados nas cidades, somada à criação de infraestrutura viária e outras formas físicas que compõem as redes de transporte e logística. Contraditoriamente, ao observarmos a escala nacional, essa desconcentração infraestrutural aparece nitidamente concentrada no espaço da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, salientando seu caráter diferenciado em relação ao resto do país.

Porém, mesmo se nos detivermos à escala da própria megarregião, a desconcentração parece seguir um padrão que recrudesce a produção do espaço em eixos, já que a localização desses

fixos é altamente seletiva e contribui para o reforço de dinâmicas circulatórias já existentes, ao mesmo tempo em que cria necessidades e obriga uma readaptação desses eixos às novas exigências da produção. A própria logística, neste caso, obedece às características de uma forma de produção tipicamente industrial (no sentido marxista), com seus ritmos bem-marcados e sua lógica inerente de efetivação do lucro por meio da viabilização da realização do valor. A propósito, um tema cuja relação com a produção do espaço da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo objetivamos abordar em caráter exploratório é o debate marxista sobre o transporte como esfera de investimento do capital produtivo e como continuação do processo de produção dentro da circulação e para ela, capaz de agregar valor às mercadorias transportadas.

COESÃO REGIONAL NO CONTEXTO DO PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO: AS REDES DE INOVAÇÃO NA MEGARREGIÃO RIO DE JANEIRO-SÃO PAULO

Regina Tunes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) | regina.tunes@uerj.br

A região, conceito tão amplamente discutido na Geografia e nas Ciências Sociais e depois mergulhado no ostracismo por um largo período na ciência em geral, ressurge como fundamental nas interpretações analíticas sobre o urbano e na prática do planejamento urbano e regional desde fins do século passado. Isso significa levar em conta que refletir sobre a problemática do urbano exige hoje um exercício teórico e uma observação atenta da realidade ao considerar que a vida cotidiana acontece e se reproduz não mais apenas em cidades, mas em regiões com forte coesão interna, intensa circulação e de dimensões cada vez maiores. Ainda que a mudança na escala geográfica dos processos sociais seja parte do processo, é salutar entender que o que se reconhece é também uma transformação na natureza das relações sociais no sentido do que aponta o denominado processo de metropolização do espaço.

Nesse contexto, de amplitude da escala da vida cotidiana e de alterações substanciais no processo de produção do espaço, importa entender os novos elementos que configuram a coesão interna regional, pressuposto de qualquer consideração sobre o conceito de região. Claro está que as transformações recentes evidenciam que não basta pensar em uma integração homogênea e em regiões sem heterogeneidade ou de urbanização material contínua. Ao contrário disso, a coesão regional contemporânea está justamente na compreensão da dispersão regional, das descontinuidades regionais, sem que o sentido de integração deixe de existir.

Na megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, nova forma urbana que é ao mesmo tempo resultante e pressuposto do processo de metropolização do espaço no Brasil, a coesão regional se dá, entre outros, pela constituição de redes de inovação que colocam essa região

em destaque no país em termos econômicos e projetam a economia da megarregião e a nacional para o mundo. Assim, essa palestra tem o objetivo de analisar as redes de inovação como um elemento da coesão da megarregião e discutir, como hipótese da pesquisa, que a partir dessas redes, que integram a circulação material e imaterial dos processos de inovação, podemos evidenciar a complexificação, densificação e descontinuidades do território da megarregião que são um dos elementos essenciais que compõem a coesão regional da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo.

CONSTITUIÇÃO DA CENTRALIDADE URBANA DA MEGARREGIÃO RIO DE JANEIRO-SÃO PAULO E O TURISMO DE NEGÓCIOS

Oséias Teixeira da Silva
Instituto Federal Fluminense (IFF) | oseiasgeografo@gmail.com

O conceito de centralidade urbana é uma temática importante e tradicional e que tem ganhado novas perspectivas a partir do processo de globalização da economia. A centralidade urbana pode ser pensada em múltiplas escalas e a partir de diferentes matrizes teóricas. O objetivo desta palestra é discutir a centralidade urbana que se configura a partir da formação da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, estando alinhado, portanto, com a tradição que analisa a centralidade na perspectiva regional, sendo que tais trabalhos estão historicamente relacionados a análise da rede urbana e o papel das cidades de diferentes níveis hierárquicos dentro dela.

Iremos nos focar em apenas um aspecto da configuração dessa centralidade, qual seja, o fato de que ela se manifesta no papel decisivo dessa megarregião na gestão do capital. Mesmo com todo o avanço das tecnologias informacionais, permanece a necessidade de encontros presenciais, reuniões e jantares de negócios. Tal demanda gera, por sua vez, a necessidade da existência de uma rede hoteleira capacitada para receber esses gestores em seu deslocamento, motivados pelos negócios, embora com caráter cotidiano. Assim, trabalharemos com dados daquilo por vezes denominado de turismo de negócios, ou seja, deslocamentos motivados pela necessidade de participação em atividades de gestão. Importante colocar que não se trata de estudar a rede hoteleira em si, mas a hospedagem a trabalho como um indicador da centralidade da megarregião. Compreendemos que se trata de um bom indicador, pois o percentual de pessoas se hospedando a negócios em comparação com o que se dá em outras regiões brasileiras pode mostrar claramente o quanto a gestão do capital está concentrada nessa região, complementando pesquisas que apontam a concentração das atividades terciárias e de sedes de empresas no interior da megarregião. Nesse sentido, pretendemos comparar dados relacionados à hospedagem a trabalho em hotéis na megarregião e em outras regiões brasileiras, no sentido de mensurar o grau de importância da centralidade dessa megarregião, trabalhando com dados secundários

oriundos de órgãos públicos como a Embratur e a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH).

A FINANCEIRIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA CONSOLIDAÇÃO DA CENTRALIDADE E COESÃO DA MEGARREGIÃO RIO DE JANEIRO-SÃO PAULO

Eudes Leopoldo
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional e Urbano na Amazônia (PPGPAM) | eudesleopoldo@gmail.com

A megarregião Rio de Janeiro-São Paulo é o centro financeiro do Brasil e da América Latina e o espaço original das experiências de financeirização da produção do espaço no território nacional. Nesse movimento, a financeirização da produção do espaço constitui, expande e densifica a megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, consolidando sua centralidade e sua coesão regional. O processo de imbricação entre o imobiliário e o financeiro opera na produção do espaço metropolitano, tornando a terra em um ativo financeiro, ao mesmo tempo em que tensiona sua essência enquanto propriedade. O processo de metropolização regional tende a se realizar como condição e produto da financeirização da produção do espaço. A mudança da lógica de valorização do capital só é possível com a produção do metropolitano, que opera na emergência de novas formas espaciais constituídas para as novas estratégias de acumulação.

Algumas dessas formas espaciais metropolitanas, como os loteamentos fechados, os *shopping centers*, os galpões de logística, os condomínios industriais, têm uma tendência de se reproduzirem pela lógica financeira. Os loteamentos fechados e *shopping centers* deliberadamente são umas dessas formas espaciais metropolitanas que operam na produção, financeirização e expansão da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo. Neste caso, quando o imobiliário e o financeiro se integram, podemos chamar essas formas espaciais metropolitanas de produtos imobiliário-financeiros. Para pensar esse processo, o objetivo é compreender a produção dos loteamentos fechados e *shopping centers* na consolidação da centralidade e da coesão da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, no sentido de espacializar o lugar destes produtos imobiliário-financeiros nos processos de espraiamento e integração, posto que eles, como experiências pioneiras de financeirização da produção do espaço, operam na dinamização dos espaços, na ampliação dos fluxos e na constituição de novos mercados de trabalho e de consumo.

Primeiramente, analisa-se a produção dos loteamentos fechados, os chamados "enclaves fortificados", de incorporadoras vinculadas ao mercado de capitais, que rentabilizam suas rendas e lucros a partir dos dividendos financeiros. No segundo momento, compreende-se a produção dos *shopping centers* de administradoras com capital aberto na bolsa de valores, detectando a relação direta entre o mercado de capitais e o imobiliário comercial a partir da administração, locação, compra e venda de imóveis comerciais. Tanto os loteamentos

fechados quanto os *shopping centers*, pensados aqui como formas imobiliárias metropolitanas financeirizadas, portanto, produtos imobiliários-financeiros, são espacializados, na perspectiva de caracterizar sua concentração e suas implicações na consolidação da centralidade e coesão da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo.